



## Elã 2022

### Ecologias do Bem Viver

Artistas

Águi

Allan Weber

Azizi Cypriano

coStela

David Almeida

Dyó Potyguara

Felipe Dutra

iah

loren minzú

Patrick Marinho

Siwaju Lima

Thaís Basilio

Thaís Iroko

Varone

Vika Teixeira

Elã – Ecologias do Bem Viver

### Abertura

Sábado, 22 de outubro, 15h

### Programação

18h - Mateus Fazeno Rock

20h - Miguel Arcanjo e Químera (Escola de Mistérios)

### Exposição

De 25 de outubro a 10 de dezembro 2022

Terça a sábado, das 10h às 18h

@galpaobelamare

[www.belamare.org.br](http://www.belamare.org.br)



2022  ESCOLA LIVRE  
DE ARTES  
ECOLOGIAS  
DO BEM VIVER

 ESCOLA LIVRE  
DE ARTES  
2022  
ECOLOGIAS  
DO BEM VIVER



## **ELÃ 2022: um gesto coletivo de imaginar outras formas de pensar e narrar bem viver**

Em 2019, inauguramos a ELÃ – Escola Livre de Artes. Ela é um desdobramento natural do que temos construído há mais de uma década a partir do Galpão Bela Maré. Desde o começo, entendemos, em diálogos com nossas parceiras e irmãs de sonho da produtora Automática e com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que mergulhou fundo com a gente na construção da nossa primeira turma, que o processo seria de aprendizagens mútuas.

Nós do Observatório de Favelas e todas as pessoas que viessem a contribuir com a nossa Escola seríamos tão aprendizes quanto aquelas que estávamos integrando ao corpo de artistas-residentes que inaugurávamos ali. Já faz três anos que temos investido nesta construção, formamos 53 artistas-residentes e um mundaréu de interlocutoras e interlocutores em posições diversas nessa encruzilhada de... aprender-ensinar-aprender-ensinar...

Chegamos na terceira edição muito animadas/es/os para regar ainda mais esse solo fértil que tem sido este projeto, que nos desconforta e reconforta no processo de reunir, dialogar e construir com jovens artistas moradoras/es de favelas e periferias da metrópole do Rio de Janeiro. Este ano, escolhemos aprender juntas/es/os sobre “ecologias do bem viver” e com arte assentar outras formas de significar, narrar e partilhar saberes, identidades e territórios que tecem “conhecimentos que nos possibilitam a produção de um projeto político/poético/ético antirracista/descolonial” (RUFINO, 2019, p. 41), que tecem conhecimentos favelados e periféricos sobre as formas de viver e partilhar a vida.

Afirmamos “ecologias do bem viver” conjurando e confiando que nossa jornada nos levaria a uma diversidade urgente de formas de fazer essa conversa, de escancarar que falta imaginação nos projetos de mundo que insistem em tratar periferia como oposto de centralidade, que insistem em excluir, em negligenciar e em violentar – em seus muitos tratados, protocolos, pactos e agendas – territórios, questões e sujeitas/os periféricas/os.

Emocionada, vejo a ELÃ 2022 como um “arquivo sensível de gestos comprometidos” (MOMBAÇA, 2021, p. 104) com imaginar outras formas de fazer conversas sobre bem viver e afirmar que esse debate está territorializado, corporificado em ecologias de saberes e práticas de favelas e periferias. Neste sentido, suas/seus jovens artistas nos ajudam a manter as mangas erguidas e a esperança altiva para instaurar e partilhar os debates possíveis para ampliar o que está posto esteticamente – na perspectiva dos conceitos, das histórias e das suas visibilidades.

bell hooks (2017) me ensinou que “podemos viver e atuar na resistência feminista sem jamais usar a palavra ‘feminismo’”. Encorajada pelos seus ensinamentos para transgredir, ousou dizer que aprendi com esta edição da ELÃ que vivemos e atuamos na defesa do bem viver mesmo que muitas vezes não tenhamos usado esta palavra ou que nossas práticas não tenham sido lidas como atuando no sentido de reparar, desalienar e tensionar o que está colocado como hegemônico neste campo.

Dito isso, agradeço às pessoas, instituições e parcerias que tornaram essa jornada possível! Mais uma vez inspirada por bell hooks (2017), afirmo que, diante das chances de elaboração que a turma de 2022 da ELÃ nos proporcionou, seguiremos muito comprometidas/es/os em fazer desta construção meios de estabelecermos outras conversas cotidianas e de multiplicarmos esta aprendizagem. Que venham os nossos próximos passos!

**Isabela Souza**

Diretora do Observatório de Favelas

Referências bibliográficas

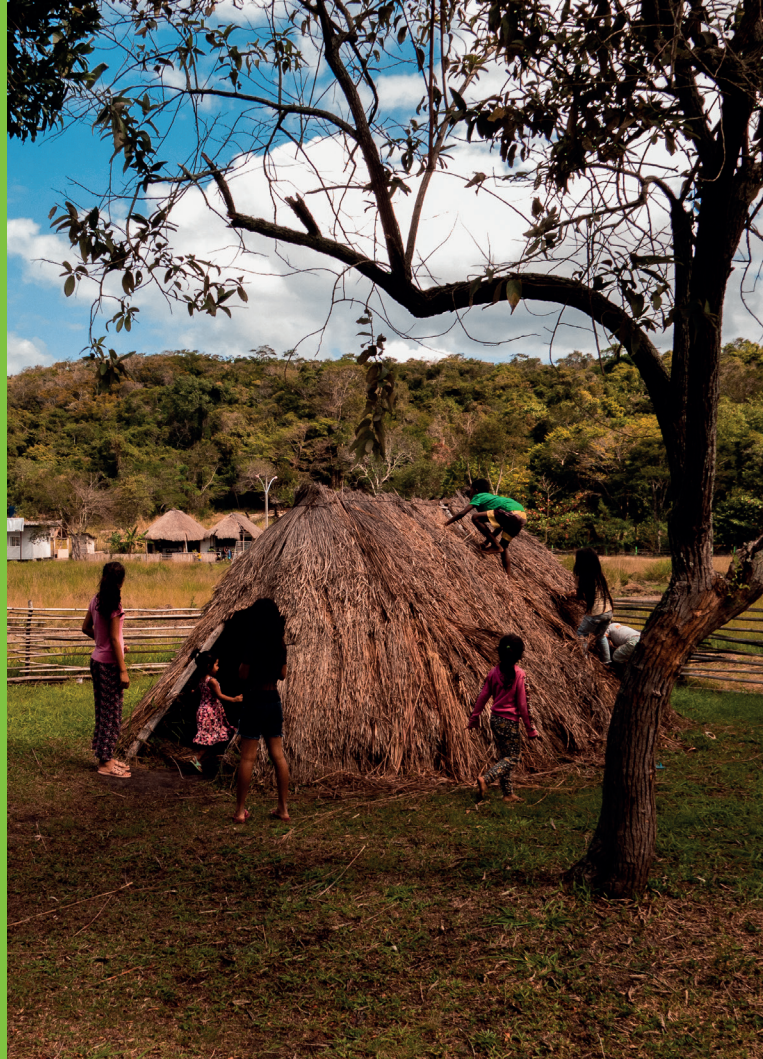
hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

▼ MOMBANÇA, Jota. Não vão nos matar agora.

Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas.

Rio de Janeiro: Mórula, 2019.











## **O Bem Viver como caminho de ação coletiva e força simbólica**

Em sua terceira edição, a ELÃ – Escola Livre de Artes reafirma suas escolhas político-metodológicas que a posicionam como uma residência formativa voltada para artistas de periferias e favelas. Ampliando a quantidade de tempo dedicado aos momentos de reflexão crítica sobre as pesquisas e as práticas artísticas de cada artista-residente, construímos espaços coletivos de trocas e consolidações em torno do fazer. Trouxemos a obra de arte e seus contextos de criação para o centro das intenções dos encontros, não como produto a ser entregue, mas como processo, analisado, encorpado, definido, redefinido e conceituado junto à coletividade da Escola. Esse gesto fortalece nossa vocação formadora, ao criar meios de geração de aprendizados calcados na dimensão coletiva da construção do saber, e concomitantemente nos alicerça cada vez mais como um programa de residência artística, no qual cada participante pode se debruçar sobre sua própria produção.

Falar sobre Bem Viver, em um primeiro momento, pode parecer desafiador. Afinal, uma vez que estamos inseridas/os na lógica de pensamento do capitalismo globalizado, tendemos a interpretar a união dessas duas palavras como um simples “viver - bem”, que, dentro da lógica consumista, pode representar o poder de aquisição de produtos e serviços, seguindo a falsa lógica de compreensão da natureza como fonte inesgotável de bens. Porém, o conceito de Bem Viver de que nos aproximamos ao longo da ELÃ nos convida a repensar as relações estabelecidas não só com o mundo natural e econômico, mas também uns com os outros. Isto implica, em primeiro lugar, em uma tomada de consciência sobre o lugar social que cada um de nós ocupa, e a partir deste lugar refletir sobre as condições históricas e estruturais que ajudaram a construir nossas relações com o mundo, na forma como ele se apresenta ao nosso redor. Durante nossa jornada, nos lançamos no movimento de deslocamento de percepção em direção aos saberes e cosmovisões ancestrais e originários para avançar sobre a denúncia de um anúncio de desigualdade que já está posto, tecemos redes de escuta e solidariedade, conhecendo práticas comunitárias, pesquisas e fazeres que avançam em soluções e possibilidades de políticas de convívio e cuidado



mais justas para evitar a exaustão do mundo natural e as consequências que se voltam radicalmente às populações mais vulneráveis. Esta rede foi costurada pela própria coletividade da Escola com participação de interlocutores que generosamente organizaram debates e apresentações em torno de suas ideias e práticas de Bem Viver em suas áreas de atuação. Por isso, agradecemos a Pâmela Carvalho, Miguel Verá Mirim, Tainá Antônio, Marcele Oliveira, Sandra Benites, Camilla Rocha Campos, Clarissa Diniz, Helena Barbosa, Fabiano Veríssimo e Tainá de Paula, por construírem a ELÃ conosco.

O fazer artístico e crítico dos quinze artistas-residentes, alimentado pelas interlocuções e exercícios realizados ao longo da residência formativa, se manifestou na exposição Ecologias do Bem Viver, aberta ao público no Galpão Bela Maré e que agora se apresenta organizada neste catálogo para maior circulação. Por meio de imagens e textos realizados ao longo do processo formativo, esta publicação retrata, através da pulsão artística em múltiplas materialidades e suportes, as escolhas que cada artista-residente realizou ao longo dos encontros para estruturar simbolicamente o que é, o que pode ser e os caminhos que levam ao Bem Viver.

**Natália Nichols**

Coordenadora Pedagógica da ELÃ

**Wesley Ribeiro**

Educador do eixo de formação do Galpão Bela Maré







## Ecologia das artes

### como estratégias de bem viver

Uma escola pressupõe uma turma, que deseja aprender com o repertório de saberes mobilizados pelo programa e pedagogias agenciadas pela instituição, o que inversamente também é proporcional: à medida que o grupo se implica com as reflexões, a Escola também aprende. O conhecimento, portanto, é algo que se produz nas coletividades, partilhas, trocas, escutas, afetos e tantas outras habilidades convocadas para se fazer Educação. Em uma Escola Livre de Artes não é diferente. A ELÃ é uma residência formativa que se anuncia como um espaço de formação para jovens artistas periféricas, interessadas em ampliar seus repertórios de pesquisa em artes visuais e conectar-se aos circuitos de arte.

Nesta terceira edição, nos propomos a correlacionar de forma estratégica dois conceitos fundamentais para as discussões contemporâneas das artes e da sociedade: modos e sistemas ecológicos e práticas de bem viver. Propositivamente com um vetor que proporcionasse uma autorreflexão institucional, em que o Observatório de Favelas e o Galpão Bela Maré avancem em suas posições diante do debate e enfrentamento junto às pautas ambientais e qualidade de vida.

Nesta edição, fizemos uma escolha acertada de considerar o amplo espectro de uma formação artística que se desdobra em uma exposição, não como resultado, mas parte do processo de aprender a ser artista. Estivemos juntas semanalmente, ao longo de quatro meses e por mais dois meses, presentificados pela exposição dos trabalhos criados no decorrer da Escola e que, de forma direta, convida os públicos a pensar Ecologias do Bem Viver. Este tempo se reflete como lastro e redes firmadas entre as artistas, fortalecendo não apenas uma nova geração, mas uma turma que junta colabora entre suas participantes, partilhando poéticas, modos de pensar sobre seus lugares na rede articulada pela Escola, uma tentativa de operacionalizar a vida das artistas em meio a uma “ecologia das artes”.

Optamos por propor outros métodos baseados em epistemologias afro-brasileiras, indígenas e cosmologias africanas, como proposta de realocar os trabalhos e suas elaborações mediadas por outros sentidos: cosmogramas, aquiombamentos, racismo ambiental e justiça ecológica, termos que mediarão as provocações durante os encontros, não apenas fomentando possibilidades para a criação de obras de arte, mas apresentando matrizes teóricas que nos auxiliam a ler também o mundo.

A exposição dentro das etapas da formação talvez seja o momento mais potente em dividir com os públicos o lugar da imaginação. Inventando maneiras de perceber nossas relações com o espaço e com outros seres, possibilitando que a espectadora também continue formulando, à sua maneira, formas de viver com qualidade, o que implica uma mediação focada na troca de vivências e experiências tendo como eixo central as favelas e periferias e o emprego de suas tecnologias para o bem viver. Com isso, as estratégias pedagógicas, somadas aos saberes e fazeres que respeitam a ancestralidade e a posteridade, são chaves para uma provocação baseada em experiências coletivas que refletem o nosso compromisso social na busca contínua pelo direito à vida por meio da arte e da cultura, sobretudo das produções artísticas contemporâneas e seus desdobramentos na sociedade.

**Anna Luisa Oliveira**

Coordenadora de educação do Galpão Bela Maré

**Gilson Plano**

Coordenador-geral do Galpão Bela Maré









Small informational text panels on the wall to the right, including a green one.









HACKTUDO  
FESTIVAL DE CULTURA DIGITAL

BE13

BE13

## ECOLOGIAS DO BEM VIVER

Ecologia e bem viver dão nome e sentido à formação artístico-pedagógica da ELÃ – Escola Livre de Artes deste ciclo e revelam como caminho a experiência das investigações e composições poéticas articuladas nesta exposição coletiva.

“Bem Viver” é fio deste rizoma conceitual, que nos chega, nos chacoalha e se assenta na roda, de modo a estabelecer relações com conceitos e práticas que temos articulado no Observatório de Favelas, em nossas colaborações com a Automatica Produtora no Galpão Bela Maré e com as parcerias que firmamos com as quinze pessoas artistas-residentes da terceira turma da nossa Escola.

×

As naturezas dos trabalhos erguem portais e, pelo encanto, nos convidam a adentrar, sentir os solos, olhar de perto, se ater aos mistérios e aos notáveis vestígios de memória, herança e permanência. Rotas, travessias, caminhos, intenções e angústias visuais que nos interpelam e atravessam por entre distintas superfícies, materialidades e elucubrações estéticas.

Esboçamos aqui delírios e utopias do passado, do presente e do futuro diante da conformação de ecossistemas e realidades implicados por nossas existências. Apresentamos, então, territórios de plantação e cultivo provocadores de outras estabilidades e meios para transbordar e praticar o verbo viver, colocando a arte e suas linguagens para coreografarem políticas de vida e a serviço da urgência de termos nossas ancestralidades, corporeidades, territorialidades e vivências reconhecidas e acolhidas, ao passo que elucidam outras consciências sobre mundo, relações humanas e suas matrizes.

**Jean Carlos Azuos**  
**Curador do Galpão Bela Maré**





# ARTISTAS:

Águi

Allan Weber

Azizi Cypriano

coStela

David Almeida

Dyó Potyguara

Felipe Dutra

iah

loren minzú

Patrick Marinho

Siwaju Lima

Thaís Basilio

Thaís Iroko

Varone

Vika Teixeira

## Águi Berenice

Uberaba (MG), 1997.

A artista nasceu em Uberaba e atualmente vive na cidade do Rio de Janeiro. Inicia seu trabalho nas artes cênicas e cria conexões entre sua prática e pesquisa no campo das artes visuais. Participou da residência Mulheres Múltiplas; da mentoria Poéticas Femininas na Periferia, por Artistas Latinas; e da Escola Repertório de Autodefesa, todas em 2021. Em 2022, integra a residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes. É graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estudante de Psicanálise pelo Terapretas e pela Ordem Nacional de Psicanalistas e atriz na Cia. Teatro Transforma. Acredita que o corpo é sobretudo um território de potência criativa. Se dedica a pesquisar práticas de proteção, transmutação, fertilidade e ressignificados para a desumanização.

\*\*\*\*\*

*Atravessar Transmutar.* Faz parte da pesquisa em Práticas de Proteção, em que a artista traz elementos que atuam no campo de proteção energético e físico, partindo da estratégia de como se proteger a partir das violências que a atravessam. E, na interação com esses elementos, também cria conexões que dão outros sentidos e significados à desumanização, criando a partir do seu corpo outras imagens não humanas que interagem com os elementos de proteção.





ATRAVessar TRANSMUTAR, 2022  
*Instalação (tecido, fotografia, terra e rosas vermelhas)*  
Fotografia e tratamento de imagem: Zacky Barreto  
Dimensões variadas

## Allan Weber

Rio de Janeiro (RJ), 1992.

Allan Weber nasceu na comunidade das 5 Bocas em Brás de Pina. Artista visual autodidata, largou a escola aos 16 anos e atualmente é bolsista do curso Formação e Deformação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (2021) e da residência formativa ELÁ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré (2022). Em seus trabalhos, procura mostrar sua realidade e criar narrativas através das vivências cotidianas dentro da comunidade e de seu trabalho como entregador de lanches. São fotografias, objetos e ações que questionam e tensionam sua relação com elementos de uma classe social marginalizada e discriminada por sua cultura e comportamento. Em 2021, fundou a Galeria 5bocas, situada em Brás de Pina, expandindo seu trabalho para além da fotografia e dos objetos ao experimentar uma intervenção social articulada a coletivos e colaboradores diversos, promovendo trocas e aprendizados mútuos entre os moradores da comunidade e de outras partes do Rio de Janeiro.







Allan Weber  
*Sem título, Série Dia de baile, 2022*  
*Lona sobre lona*



Allan Weber  
*Nós que sustenta na raça, 2022*  
*Caixa d'água sobre caixa d'água*  
*5m x 72cm*

## Azizi Cypriano

Rio de Janeiro (RJ), 1998.

Azizi Cypriano é artista e pesquisadora. Com ênfase na performance, trama poéticas e elabora estruturas relacionadas às epistemologias bantu-iorubá. Investiga na espiral do tempo as múltiplas formas de construir as coisas com as próprias mãos, utilizando barro, caules, ervas e troncos para traçar escrituras e rituais que evocam presenças ancestrais e moldam ecologias decoloniais. Iniciou sua formação artística na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e atualmente é graduanda em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Artes Plásticas pela Université Paris 8. Já colaborou com e exibiu seus trabalhos em diferentes instituições e coletivos entre o Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Paris, como o Museu de Arte do Rio, Solar dos Abacaxis, Ateliê397, Despina, Terra Afefé e Matière-Revue.

\*\*\*\*

*Ìgbàlè, Yánsàn, Bamburucema, Mãe dos Nove Céus e movimento-grafia IV* são trabalhos em múltiplos suportes que, juntos, elaboram uma composição em torno das epistemologias do orixá Oyá, cultuado nas religiões de matrizes africanas na diáspora. Todas as obras fazem parte da série "movimento-grafia", onde a construção de grafias e estruturas relacionadas às existências ancestrais são responsáveis pela continuidade e permanência de minha existência no mundo.







Azizi Cypriano  
*Bamburucema, 2022*  
Série movimento-grafia  
Escultura em cerâmica  
20 x 10cm

Azizi Cypriano  
*Yánsân, 2022*  
Série movimento-grafia  
Técnica mista sobre tecido de algodão  
110 x 165 cm

Azizi Cypriano  
*Igbàlè, 2022*  
Série movimento-grafia  
Técnica mista sobre tecido de algodão  
110 x 165 cm



Azizi Cypriano  
*Mãe dos nove céus, 2022*  
Série movimento-grafia  
Escultura em técnica mista

## coStela

Minas Gerais (MG), 1995.

Aline coStela nasceu em Minas Gerais. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É licencianda em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua no elenco do espetáculo teatral *Memórias de uma maré cheia* (2019), atualmente em circulação pelo Sesc. Em 2022, integra a residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes. Distante da sua terra de origem e lutando contra o esquecimento, iniciou sua pesquisa através da dança, que se desdobra para a pintura numa prática da memória como forma de proteção do corpo e das comunidades, ambos preservadores de informações que potencializam nossa existência. Atualmente, investiga a relação com a sua ancestralidade e raízes da comunidade rural, buscando destacar figuras femininas e coisas que acessam as memórias como possibilidade de reconhecimento e pertencimento.

\*\*\*\*

### *Um gole de memória benta*

Lembro do tempo em que era uma cilada a criança entrar dentro de casa antes do anoitecer, pois não poderia sair mais e, enquanto alguém tomava banho, tinha que esperar a vez sentada no chão da sala, porque jamais se senta no sofá limpo com o rabo sujo. Além disso, se sentasse no chão da sala no fim da tarde ao lado da avó, teria que assistir a reza e beber um gole da água benzida pelas ondas de rádio. A memória é uma aproximação dos lugares de afeto.







coStela  
*Um gale de memória benta, 2022*  
Carvão, óleo e papel filtro de café  
sobre painel de compensado  
160 x 160 cm

coStela  
*107 anos de Laudelina Maria de Jesus, 2022*  
Óleo sobre algodão cru colado em superfície  
de madeira mdp de escrivaniinha  
45 x 120 cm



coStela  
*Vovó Delina conta caso no terreiro, 2021*  
Óleo sobre algodão cru colado em superfície  
de armário de madeira  
30,1 x 117 cm

## David Almeida

Rio de Janeiro (RJ), 1995.

Cria da Maré, formado em dança, é multiartista das artes cênicas. Intitula seu trabalho e sua pesquisa, pautada na ancestralidade, através das suas afrorreferências e dos movimentos ancestrais. Relaciona corporalidades, território, materialidade e a diversidade presentes nas diásporas. Em 2022, integra a 3ª edição da residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*

### *Cantinho ancestral*

A obra é um canto-espaço construído a partir de processos investigatórios e intuitivos que envolvem a ancestralidade diaspórica. Cantinho ancestral é um desdobramento do interesse do artista sobre as movimentações e deslocamentos de determinadas corporalidades brasileiras e também propõe reflexões sobre se perceber em diferentes habitações e múltiplas dispersões no espaço e no tempo.







David Almeida  
*Cantinho Ancestral*, 2022  
Instalação (materiais diversos)  
200 x 200 cm

## Dyó Potyguara

Mamanguape (PB), 1994.

Artista visual e pesquisadora, atualmente vive em Niterói. Participa de exposições, residências artísticas, publicações e festivais em Abya Yala e Europa. Integra a coletiva *Ocultas* (2015-22) e atua com o laboratório de práticas artísticas e ecológicas *Terreiro Afetivo*, selecionada pelo programa de pesquisa artística, pedagógica e de ação socioambiental *Várzea, da Campo* (2022). É proponente de intervenções poéticas e pedagógicas interseccionando ecologias, memória, presença e virtualidade. Também em 2022, faz parte da residência formativa *ELĂ – Escola Livre de Artes*, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*

*Ka'a Okará* vem do emaranhado de saberes da floresta com as performances de vida humana; do que é cíclico, natural, terroso. É uma provocação que brota da ideia de um *herbário anticolonial* materializada em uma banca de observação, sensorial e que deve ser ativada, integrando plantas presentes e ausentes, neste caso *não haverá exsicata*.





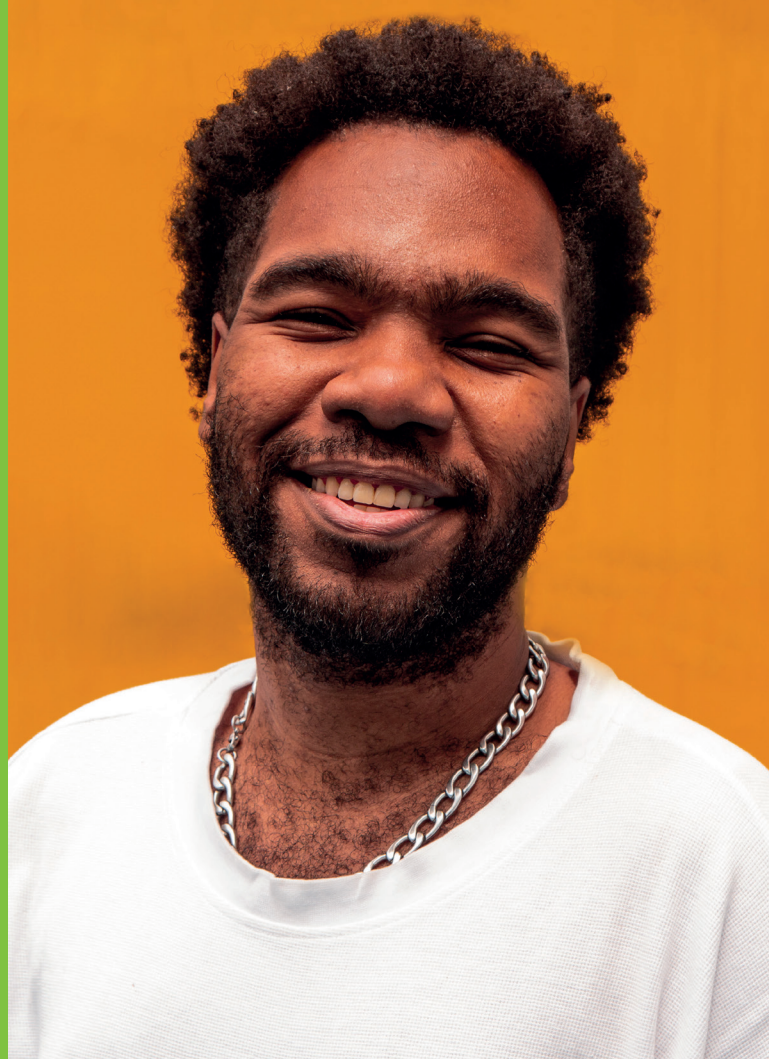


Dyó Potyguara  
Ka'a Okará, 2022  
Instalação (ervas, cascas, sementes e barro)  
Dimensões variáveis

## Felipe Dutra

Rio de Janeiro (RJ), 1990.

Cineasta, oriundo da Zona Oeste do Rio, constrói sua produção audiovisual pautado pelas questões relativas à herança diaspórica afro-latina e à cultura pop. Reflete sobre histórias reais e inventadas tendo como ponto de partida o reencontro com sua ancestralidade. Formado em Letras/Literatura pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), atualmente cursa Cinema na Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Iniciou seu aprofundamento em questões sociais, de juventude e negritude, desde sua formação na Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC), em 2014. Participou da gestão do Tempo Glauber (2015), registrou o 9º Encontro de Cinema Zóximo Bulbul, além de participar da direção e montagem de filmes independentes como o curta-metragem Transcrição (Prêmio de Menção Honrosa do Festival 72 horas em 2016, selecionado na I Mostra Jovens.mov e na Mostra Cine Diversidade). Na pandemia, realizou projetos remotos como duas séries de autorretratos publicados pela @arrobageria e, em 2021, foi assistente da documentarista Alice de Andrade na organização e produção da oficina Doc Maré. Em 2022, faz parte da residência formativa ELĂ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.



\*\*\*\*

*Deságua* é um uma experimentação documental/  
performática que, através de três condutores, percorre  
um caminho metafórico pelo mar, tendo a deriva como  
ponto inicial de um mergulho nas profundezas do eu.

Direção: Felipe Dutra

Assistência de direção: Lucas Miranda Gonçalves

Produção: Marcos Aprígio

Direção de fotografia: André Luiz e Patrick Marinho

Som: Antônio DMC

Desenho de luz: Lucas Lima

Direção de arte: Felipe Dutra

Figurino: Fercar

Finalização: Felipe Neves

Trilha/Desenho de som: Daniel Xavier

Voz: Beth Morena

Performance: Fercar

Entrevistas: Edgar Miranda

Mariane Rodrigues

Felipe Dutra



Felipe Dutra  
*Deságua*, 2022  
Instalação (projeção e sal grosso)  
Dimensões variáveis



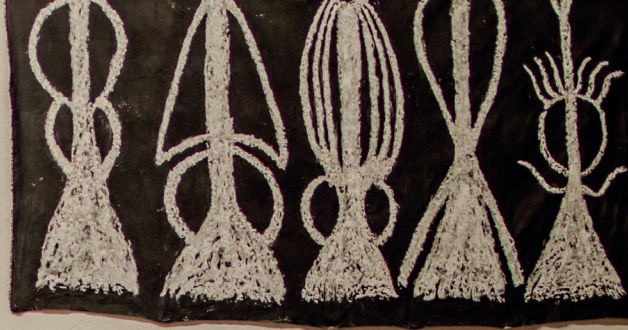


Deságua  
Felipe Dutra  
2022

Deságua  
Felipe Dutra  
2022

Felipe Dutra  
*Deságua, 2022*  
Instalação (projeção e sal grosso)  
Dimensões variáveis





















iah

São Gonçalo (RJ), 1993.

iah trabalha com variadas formas e materialidades em artes experimentais e abstracionais. Sua prática-pesquisa parte das observações e experimentações interdisciplinares a partir do tecido, do lixo e de elementos coletados no território urbanizado. Destaca as tensões da cidade, rearranjando os problemas do ecocídio em uma nova visualidade no mundo. Iniciou sua formação em cursos livres em 2014 na Spectaculu – Escola de Arte e Tecnologia e, em 2019, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Atualmente é estudante de Artes Visuais – Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2020, participou do programa de residência do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com o Capacete. Em 2022, faz parte da residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*

*Tube-valões e cápsulas-casulos* são dois trabalhos de uma pesquisa em processo intitulada Hidrografias. Nelas eu crio caminhos para que os rios urbanos digam pela sua própria materialidade nos dispositivos e esculturas no espaço expositivo, questionando os processos do ecocídio nos centros urbanos.

*Seed/Inside ou sementes* é uma instalação resultante da residência da ELÃ. Nela imagino uma forma das relações do dentro e do fora a partir da imagem-silhueta de um corpo que encontra no fora a floresta para além dos concretos apresentados na construção da modernidade, da civilização, da cidade.







iah

*para uma metamorfose, 2022*

*Série CÁPSULAS-CASULOS*

*Instalação (vidro cristal, bases de concretos, águas do rio ramos)*

*36 x 20 x 35 cm, 50 x 15 x 44 cm*



iah  
*SEED/INSIDE OU SEMENTES, 2022*  
Fotografia digital  
180 x 150 cm

iah  
*VEIAS, 2022*  
Pintura em papel reciclado  
94 x 66 cm



iah  
*TUBO-VALÕES, 2022*  
Projeto múltiplo monóculos  
Vergalhão, rafia, tv  
110 x 124 x 70 cm



## loren minzú

São Gonçalo (RJ), 1999.

Atua como artista visual e pesquisador. Em sua prática, tem investigado imagem, tempo, corpo e espaço a partir de uma atenção às relações interespecíficas. Observando a comunicação entre luminosidade e escuridão que emanam de corpos terráqueos e cósmicos, compõe cenas audiovisuais, instalativas e escultóricas com corpos de árvores, elementos, substâncias e artefatos. Graduando em Artes pela Universidade Federal Fluminense (UFF), passou por instituições como Casa do Povo, Parque Lage – onde compôs a turma de Formação e Deformação em 2021 – e Galpão Bela Maré, onde atualmente faz parte da residência formativa ELĂ – Escola Livre de Artes. Participou, entre outras, de exposições como Grandiosa Festa Junina de Santo Antônio dos Abacaxis (MAM, 2022), De Montanhas Submarinas o Fogo Faz Ilhas (Pivô e KADIST, 2022) e Rebu (Parque Lage, 2021). Também participou de mostras audiovisuais no Cine Bijou e no Centro Petrobras de Cinema, contribuindo com a linguagem da videoarte para a cena de cinema experimental.





\*\*\*\*

### composição para o ù sol

é uma instalação dedicada aos mistérios entre corpos vegetais e a luminosidade solar, investigando comunicações entre sistemas perceptivos de diferentes espécies.

*imagem III, imagem IV* é um estudo acerca da opacidade, da escuridão e dos processos de formação de um signo. Perfuro grandes peças de carvão vegetal, os atravesso com uma linha de algodão e crio a tensão suficiente para que se estruturem no espaço. Dou um nó.

### abismo/abissal

*Em abismo/abissal*, proponho esse grande buraco sem fundo, uma miragem criada a partir da interação dos espelhos com as informações que a luz traz do cosmos. São armadilhas que existem na fragilidade entre o material e o ficcional, e a sedutora possibilidade de cairmos nela. Os perigos de experimentar outras realidades físicas, como gravidade e tempo, em espaços distantes do espaço e a negociação entre possíveis desconhecimentos: as identidades, os Estados-nação, o infinito, a não localidade, a história, os buracos negros, a cultura e a impossível descontaminação do que se experimentaria aqui depois do que se experimentou lá.



loren minzú  
*composição para ù sol, 2022*  
*Instalação (argila, água e folhas)*  
*Dimensões variadas*



loren minzú  
*imagem III, imagem IV, 2022*  
Carvão, linha orgânica e pele de bananeira  
Dimensões variadas



loren minzú  
*abismo/abissal, 2021*  
Videoarte  
10'10" 4K



## Patrick Marinho

Rio de Janeiro (RJ), 1998.

Nascido e criado no Complexo da Maré, no Morro do Timbau, Zona Norte do Rio de Janeiro, Patrick Marinho fotografa de modo independente desde os 18 anos, pesquisando o cotidiano dos moradores locais com ênfase nos trabalhadores informais. Formou-se pela Escola de Cinema Olhares da Maré (ECOM, Redes da Maré, 2018) e é fotojornalista pelo Imagens do Povo (Observatório de Favelas, 2019), tendo iniciado na Academia Internacional de Cinema | Documentário (AIC) em 2020. Realiza residência artística e pesquisa no Instituto Moreira Salles em 2020, atua como fotógrafo na Redes da Maré e também para outras agências e instituições produzindo e/ou entregando imagens pautadas em temas de direitos humanos, justiça econômica, segurança pública e justiça ambiental, como a Agenda RIO 2030, pela Casa Fluminense. Em 2022, faz parte da residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré





## Série: NAVEGANTES

Narrativa sobre os moradores e trabalhadores da Vila dos Pescadores localizada na Vila do Pinheiro, corpos que de fato carregam a história da construção do território desde suas primeiras ocupações, ainda na década de 40, às margens da Baía de Guanabara. O grupo em questão remonta ao ano de 1962, com origens na praia de Ramos, originalmente uma comunidade de pescadores estabelecida na antiga Praia de Maria Angu, até hoje conectada com as demais vilas existentes através das águas de uma das mais importantes massas hídricas da cidade do Rio de Janeiro. Em 2018, comecei a documentar a vida desses trabalhadores locais até o momento atual no pós-pandemia, relatando e mostrando como eles trabalham e como esse período afetou no dia a dia, com o objetivo de sensibilizar os moradores da Maré e o público que acompanha o trabalho para as pautas socioambientais no que se refere à preservação das águas da Baía de Guanabara, à saúde e ao bem-estar dos que vivem na região, corpos que diariamente saem em busca de sustento.

### Entre as águas

Videografia mostrando o cotidiano de quem vive e trabalha no espaço da vila de pescadores localizado no Complexo da Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro, Brasil.

Patrick Marinho  
Série NAVEGANTES, 2022  
Fotografia (papel Hahnemühle Luster Glossy 260g,  
celulose, semi brilho, lisa)  
40 x 60 cm



Patrick Marinho  
Série NAVEGANTES, 2019  
Fotografia (papel Hahnemühle Luster Glossy 260g,  
celulose, semi brilho, lisa)  
40 x 60 cm

Patrick Marinho  
Série NAVEGANTES, 2022  
Instalação (banco, náilon, agulha, faca, rede)  
Dimensões variadas



Patrick Marinho  
REDE FEITICEIRA, 2022  
Série NAVEGANTES  
Instalação (náilon, corda, isopor)  
Dimensões variadas





## Siwaju Lima

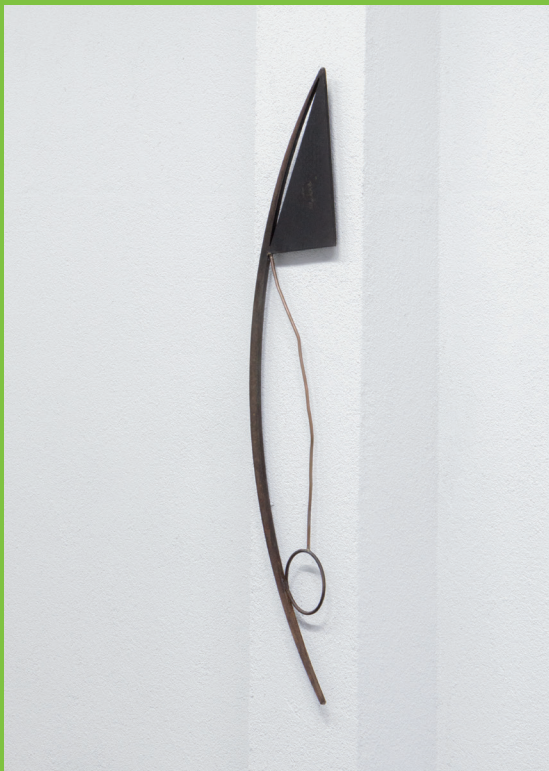
São Paulo (SP), 1997.

Siwaju nasceu em São Paulo e atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista visual e pesquisadora, investiga a partir da prática-poética na interseção de tempo e ecologias ao des-territorializar e reutilizar ferros, doados ou achados, sugerindo uma relação direta de pertencimento com a estrutura, espaço e nossos corpos a acionar uma gira na linearidade. Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é também artista do ateliê de escultura da EAV Parque Lage, do Programa Formação e Deformação, tendo participado de exposições coletivas como Arte como Trabalho (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira – MUHCAB), Idolatrada Salve! Salve! (Fábrica Bhering) e Olha Geral (Instituto de Artes da UERJ), todas em 2022. Também em 2022, faz parte da residência formativa ELÁ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*

O forte *ajá*: olha eu, o tempo traz à tona um momento que se presentifica como uma força mágica e mística para tempos de insurgências em que a dimensão do segredo ativa os conhecimentos ancestrais corporificados necessários para seguirmos adiante.





Siwaju

*O ilê e o tempo ajija, 2022*

Aço, barra de aço arredondado, barra de cobre e solda  
110 m x 30 cm

*Tradução:*

*Ilê = casa, lugar seguro.*

*Ajija = espiralar, continuidade.*



Siwaju

*O forte ajá: Olha eu, tempo, 2022*

Metalon, solda e processos de oxidação  
115 x 86 x 60 cm





Siwaju  
*coluna III, dispositivo-Oju Meji, 2022*  
*Mão francesa industrial, corrente, prego, pontiagudos de aço e solda*  
*60 x 60 cm*  
*tradução:*  
*Oju = olhares*  
*Meji = dois*

## Thaís Basilio

Rio de Janeiro (RJ), 1988.

Nasceu na comunidade Barreira do Vasco, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Aos 2 anos de idade, mudou-se para o município de Belford Roxo, onde morou por trinta anos. Apaixonou-se pela arte ainda na escola. Gradou-se em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e atualmente cursa Mestrado na linha de Linguagens Visuais pelo PPGAV-EBA-UFRJ. Entre as exposições de que participou, destacam-se: Poéticas Femininas na Periferia (Paço Imperial do Rio de Janeiro), Suburbanidades (Museu de Arte Contemporânea de Niterói), Saravá (Anita Schwartz Galeria de Arte) e Arte como Trabalho (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira – MUHCAB), todas em 2022. Através de sua poética, desenvolve questões relacionadas a gênero, raça, domesticidade e automatização do corpo. Também em 2022, faz parte da residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*

O trabalho desenvolvido pela artista durante a residência consiste em retratar, de forma onírica, um retorno à humanidade selvática e primordial, em contraposição à algoritmização da vida nos tempos atuais.





Thais Basilio  
*desautomatizar-se*, 2022  
Acrilica sobre painel  
100 x 100cm



Thais Basilio  
*lembança que a fogueira revelou*, 2022  
Acrilica sobre painel  
100 x 100cm



## Thaís Iroko

Rio de Janeiro (RJ), 1992.

Artista visual, arte-educadora e graduanda no curso de Engenharia Agrônômica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É integrante do Movimento Nacional Trovoa (RJ) e da coletiva de grafite e arte urbana Preta Pinta Preta (RJ). Recentemente participou do projeto Se Essa Rua Fosse Bispo do Rosário (Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea) e das exposições coletivas Arte como Trabalho (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira – MUHCAB, 2022) e Quermesse (Centro Cultural Inclusartiz, 2022). Mixando fragmentos de imagens e sons apropriados através de ferramentas de pesquisa ou de registro próprio e familiar, a artista usa a colagem como forma de pensar memória, imagem e território. Transitando entre as interseções que permeiam a pintura, o objeto, a performance, o vídeo e a palavra como instrumentos de virtualização criadores de imaginários, usa o acúmulo e a elaboração de cenas para criar narrativas de pertencimento em um mundo que rejeita seu corpo, sua intelectualidade e sua história.





\*\*\*\*

Atualmente no Rio de Janeiro existe um movimento relativamente recente em que favelas e comunidades identificam seus bailes funks e seus territórios com nomes de países ou cidades de outras partes do mundo. Egito, assim como Paris (Jacarezinho), Arábia (Vila Centenário), Romênia (Vila Aliança) e até Disney (na Vila do João), foi um dos nomes usados, neste caso como forma de rebatizar o baile da comunidade do Chapadão, situada no bairro de Costa Barros, onde cresci.

Assim, desde 2020 venho investigando, através da série *Baile do Egito*, possíveis conexões estéticas, culturais e filosóficas que se estabelecem entre Kemet e o Complexo do Chapadão, buscando não apenas resgatar a história de um povo em diáspora, mas também construir um repertório imagético que se relacione com suas próprias narrativas e com seus próprios contextos para dialogar com aquelas e aqueles cuja experiência se dá a partir de um local cultural e psicológico que não lhes constitui existencialmente.

Thaís Iroko  
*Foi no baile do Egito, tudo começou, 2022*  
Acrílica sobre linho  
142 x 220 cm

Thaís Iroko  
*Equipe Poderosa, 2022*  
Madeira, spray e verniz  
60 x 190 x 20 cm



## Varone

Rio de Janeiro (RJ), 1996.

Artista visual criado no bairro da Pavuna, no Rio de Janeiro. Em seus trabalhos, tem desenvolvido e explorado múltiplas plataformas, articulando sobretudo elementos do desenho, da gravura e da arte digital. A partir das abstrações, vem construindo paisagens híbridas de ecossistemas ficcionais, morfologias da natureza e suas organicidades, na coexistência com materiais sintéticos e espaços digitais, imaginando cenários para os lugares que habitamos. É graduando em Artes Visuais/Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA UFRJ). Em 2022, integra a residência formativa ELÃ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*

Intuindo possíveis intercâmbios entre as organicidades da natureza e o mundo digital, ninho e Dentro da casca são experimentações que empreendem uma busca por um ecossistema ficcional construído a partir da abstração. Essa abstração, composta tanto pela fluidez da matéria orgânica quanto por suportes/técnicas como o desenho 3D, estêncil e gravura, é refletida na elaboração de trabalhos que questionam a dicotomia entre o digital e o natural, imaginando confluências entre duas cosmopercepções entendidas até então como distintas, mas que contaminam (e germinam) uma a outra.





Varone  
*ninho*, 2022  
plástico, tinta spray,  
técnicas de stencil  
1,18 x 1,30 cm



Varone  
*Dentro da casca*, 2022  
Série Hiper-orgânicos  
Arte Digital, Paint  
32"





## Vika Teixeira

Rio de Janeiro (RJ), 1999.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1999, embora tenha vindo ao mundo muitas outras vezes ao longo dos anos. É artista visual e graduanda em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em alguns de seus trabalhos, tem investigado as identidades e memórias de corpos dissidentes, na busca por vitória nas disputas simbólicas e materiais que permeiam os campos dos imaginários e territórios. Atualmente, tem adentrado nas pesquisas-pensamentos-vislumbres-intuições da imaginação radical, ficção especulativa e ontologia, a fim de traçar possibilidades outras de habitar e escrever o espaço-tempo. Nos últimos anos, tem participado de exposições coletivas e, em 2021, integrou o Programa de Formação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que culminou na exposição Carta às Intenções. Em 2022, participou das exposições Quem É Você, Brasil? (Centro de Artes UFF) e Jamais Fomos Modernos (Museu de Arte do Rio – MAR), além de compor a 3ª edição da ELÃ – Escola Livre de Artes, no Galpão Bela Maré.

\*\*\*\*



\*\*\*\*

*Dispositivos de fuga: atravessamentos* é uma série que nasce e se desdobra a partir de indagações que insistem em pairar nos meus pensamentos: como se atravessa? Como habitar, fazer-viver, (re)inscrever a(s) travessia(s)? De quais formas experimento e possibilito as transmutações no atravessar? Permeada por vislumbres ficcionais, especulativos e ontológicos, construo dispositivos como suportes que, de algum modo, enunciam, transfiguram e me auxiliam nos processos de transição, que ganham forma e se expandem também a partir do deslocamento-encontro-movimento. É o fortalecer e o nutrir da praga-crença-profecia de que eu não serei capturada.

Aqui lhes apresento um portal, que surge também como um tipo de mapa. Nele articulo o acionamento do cosmos e me debruço nas ideias dos acontecimentos e das aberturas de percepções e dimensões. De certo modo, trabalho a propagação, a soltura, a eclosão, o cerne das coisas, do mundo, das coisas no mundo. Das estruturas que estruturam a Terra à extrapolação e ao escapamento.

Reverbera em mim o estrondo, a faísca, o brilho-barulho do efeito-colisão. Consigo sentir daqui, por vezes, a iminência de um rompante, o poder do fenômeno-erupção, aos milênios-instantes. Que faça valer o risco do atrito entre as camadas. A costura no tecido espaço-tempo.

Rasgar-tecer-tingir-manchar.



Vika Teixeira  
*Série Dispositivos de fuga:*  
*atravessamentos II, 2022*  
Objeto  
135 x 180 cm









BB  
F

loren minzú

Patrick Marinho

Siwaju Lima

Thaís Basilio

Thaís Iroko





2022

LOGO

BEM VIVER

CC  
OO  
LL  
OO  
GG  
I  
AA  
SS

DD  
OO

BB  
EE  
NN

Allan Web  
Azizi Cypr  
coStela  
David Alm  
Dyó Potyg  
Felipe Dub  
iah  
loren min  
Patrick Ma  
Siwaju Lim  
Thais Bush  
Thais Irok  
Vika Teixe





R

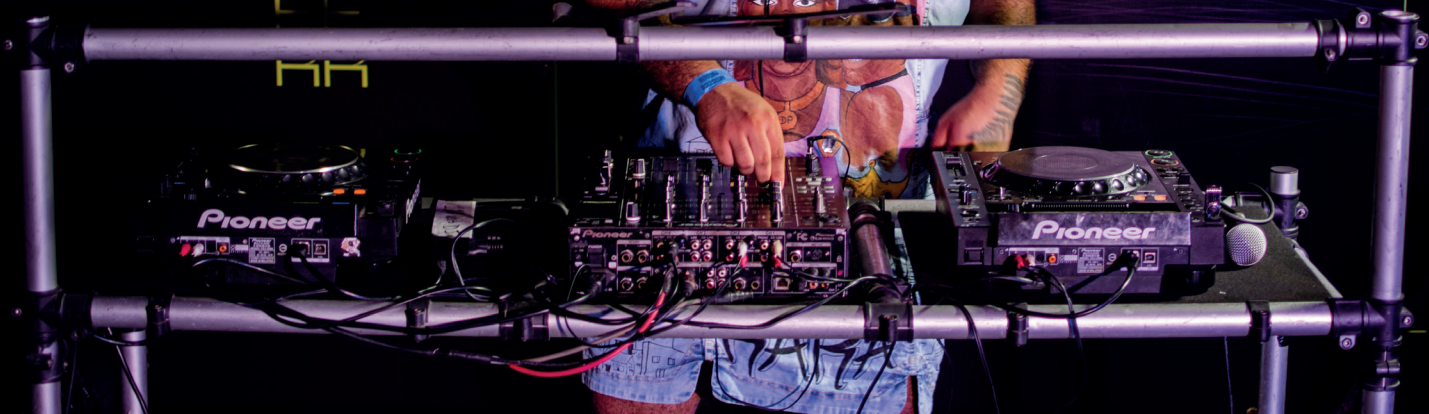
DD  
OO

Felipe Dutra  
iah

BB  
EE  
MM

arinho

W  
I  
W  
E  
H





## **Equipe**

### **Galpão Bela Maré**

#### **Direção**

Observatório de Favelas  
Elionalva Sousa Silva  
Isabela Souza  
Priscila Rodrigues  
Raquel Willadino

#### **Parceria**

Automatica

#### **Coordenação Geral**

Gilson Plano

#### **Curadoria**

Jean Carlos Azuos

#### **Produção**

Breno Chagas

#### **Programa Educativo**

Coordenação  
Anna Luisa Oliveira

#### **Educadoras**

Ana V  
Ivani Figueiredo  
Stephane Marçal  
Wesley Ribeiro

#### **Zeladoria e Limpeza**

Wellington Luiz Batista dos Passos  
Márcia da Silva Pereira

## **ELÁ**

### **Coordenação Pedagógica**

Natália Nichols

#### **Interlocutores**

Camilla Rocha Campos  
Clarissa Diniz  
Fabiano Verissimo  
Helena Barbosa  
Pâmela Carvalho  
Marcele Oliveira  
Miguel Vera Mirim  
Sandra Benites  
Tainá Antonio  
Tainá de Paula

#### **Exposição**

#### **Produção**

Automatica  
Julia Rebello  
Luiza Mello  
Marisa S. Mello  
Mariana Schincariol Mello

#### **Design gráfico**

Felipe Nunes

#### **Cenotécnico**

Guilherme Xavier Cenografia

**Montagem**

Los montadores

**Revisão**

Duda Costa

**Fotografia**

Gabi Carrera

Ramon Vellasco

**Audiovisual**

Boca do Trombone

**Vídeos**

Samuel Fortunato

**Comunicação****Coordenação de Comunicação**

Renata Oliveira

**Assessora de Comunicação**

Thais Barros

**Assessoria de Imprensa**

Gamaro Comunicação

**Comunicador**

Romulo Amorim

**Fotógrafo**

Ramon Vellasco

**Designer Gráfico**

Kaléu Menezes

**Gestão Administrativo-financeira**

Sarah Horsth

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elã 2002 : ecologias do bem viver. -- 1. ed. --  
Rio de Janeiro : Observatório de Favelas,  
2023.

Vários autores.  
ISBN 978-65-87016-15-3

1. Artes 2. Ecologia 3. Sustentabilidade  
ambiental.

23-144556

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Catálogos de exposições 700.74

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129